

ESTAR AQUI, ESTAR LÁ... O RETORNO DOS EMIGRANTES VALADARENSES OU A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE TRANSNACIONAL?¹

Gláucia de Oliveira Assis*

INTRODUÇÃO

Os fenômenos migratórios contemporâneos, devido à sua complexidade e implicações políticas, econômicas, sociais e culturais, constituem-se numa questão relevante para as ciências sociais neste final de século.

As imagens e notícias veiculadas pelos meios de comunicação de massa mostrando albaneses chegando em barcos frágeis na Itália, vietnamitas à deriva no mar da China, cubanos e mexicanos que tentam de todas as formas emigrar para os EUA e, mais recentemente, brasileiros deportados dos aeroportos internacionais nos indicam um "Planeta em movimento"². Os novos movimentos da população mundial constituíram-se ainda, num dos principais temas da Conferência Mundial sobre População realizada pela ONU, em setembro de 1994, no Cairo.

Neste contexto situa-se o recente fluxo da população brasileira em direção ao estrangeiro, notadamente para os EUA, Canadá, Japão e Portugal. Embora com dados apenas estimativos, segundo informações da Polícia Federal, entre 1985 e 1987, cerca de 1,25 milhões de brasileiros deixaram o país e não voltaram (SALES 1991, STYCER, 1991), inserindo o Brasil neste quadro de população em marcha.

As primeiras tentativas de explicar o fenômeno foram realizadas por acadêmicos, que literalmente se depararam com os brazucas³ ao transitar nas universidades americanas. Nos anos 90, os primeiros estudos⁴ sobre o fenômeno evidenciaram a importância desse fluxo, buscando compreender como um país, que atraiu milhares de imigrantes no início do século, viveu ao longo dos anos 80 a inversão dessa situação.

Este artigo parte desta temática geral, para pesquisar um movimento específico verificado particularmente na cidade de Governador Valadares⁵ (MG) - conhecida nacionalmente pelo significativo número de valadarenses nos EUA - procurando problematizar um dos aspectos deste fluxo de grande impacto na vida cotidiana da cidade: o caráter temporário da migração.

O projeto do emigrante valadarense de "Fazer a América", em geral, consiste em trabalhar de 02 a 05 anos para conseguir capital para comprar uma casa, um carro, ou montar um negócio e retornar ao país de origem. Para executá-lo, estes emigrantes contam com aqueles que ficaram para financiar a viagem, cuidar dos filhos, fazer os investimentos na terra natal e esperar pelo retorno. O projeto torna-se, portanto, familiar, afetivo e econômico envolvendo aqueles que não

migraram nesse processo.

Neste sentido, analiso como é complexo classificar os fluxos migratórios contemporâneos utilizando categorias como: "temporários", "permanentes", "retorno de emigrantes". O que pretendo demonstrar é que, dadas as características dos recentes fluxos internacionais de população, o migrante contemporâneo vivencia um singular campo social que vem sendo denominado transnacional⁶.

Assim, se por um lado o processo migratório nos coloca diante do fenômeno da partida, dos que deixam a terra natal em busca de outras oportunidades, por outro, os seus desdobramentos, - a vivência da espera por aqueles que ficam, as várias idas e vindas dos emigrantes, e a ampliação do tempo de permanência nos EUA - instigam-nos a questionar: como os novos migrantes, diferentemente dos fluxos migratórios do início do século, mantêm múltiplas ligações entre a sociedade para a qual emigraram e sua terra natal?

Falar dessa vida estruturada entre dois lugares implica em demonstrar que, mais do que partir ou retornar, ser emigrante temporário ou permanente, o emigrante valadarense vivencia duas temporalidades. Para tanto, inicialmente desenvolvo algumas considerações em torno do que chamo de "novos migrantes", a seguir discuto o

caráter transnacional destes fluxos e, por fim, analiso a questão do retorno dos valadarenses à terra natal buscando evidenciar que, embora alguns emigrantes efetivamente retornem ao país, uma parcela significativa permanece vivendo entre dois lugares.

NOVOS E VELHOS EMIGRANTES: QUAL A DIFERENÇA?

Os novos fluxos da população mundial, embora representem apenas 2% da população total do planeta, deixam apavoradas as autoridades dos países que recebem estes emigrantes e são vistos como ameaça para os habitantes nacionais, muitos deles filhos ou descendentes das migrações do início do século. Desta forma, tanto em alguns países da Europa, como nos EUA, nações constituídas em grande parte por contingentes migratórios, adotam-se neste final de século, medidas cada vez mais restritivas que tentam conter estes fluxos⁷ de “novos migrantes”.

Mas afinal, quem são os “novos migrantes”? Em que se diferenciam dos antigos? A mobilidade populacional é um fenômeno que, desde as migrações provocadas pelos grandes descobrimentos, às emigrações em massa da Europa nos anos que antecederam as duas grandes guerras mundiais, inquietam os governantes e pesquisadores que têm que lidar com a questão. Há sempre uma tentativa de tentar categorizá-los, explicar o seu movimento respondendo a questões como: porque emigraram? como? para onde? são temporários ou permanentes?

O termo **novos migrantes**, elaborado por estudiosos da questão, refere-se a tais fluxos que expressam, no plano da divisão internacional do trabalho, a mundialização crescente da economia, ao mesmo tempo que indicam relações estabelecidas num mundo cada vez mais globalizado culturalmente. Desta forma, o emigrante vive sua vida atravessando fronteiras o que lhes possibilita estar aqui - investindo no Brasil, mantendo suas relações afetivas, ascendendo socialmente - e estar lá - trabalhando temporariamente, freqüentando associações, planejando o retorno ou um

passoio à terra natal.

As razões para emigrar, tanto no século passado, como neste século são inúmeras. Dentre elas, as perseguições políticas e religiosas, as crises econômicas e/ou o desejo de tentar uma vida melhor em outro lugar. O lugar pode ser a “América”, para os emigrantes do século passado e início deste século, ou os países industrializados: França, Alemanha, EUA, Inglaterra -que desde o final da II Guerra Mundial receberam contingentes populacionais de suas ex-colônias ou de outros países do chamado “Terceiro Mundo”.

Tais lugares são carregados de significados para os que desejam mudar de vida. Os emigrantes, “novos” ou “velhos”, depositaram, ao partir para estas terras distantes, a esperança e o desejo de uma vida melhor, os projetos de poupança, o sonho de voltar. É interessante observar que a perspectiva da volta à terra natal estava implícita no projeto de migrar. Nos vários relatos de emigrantes do início do século⁸, a viagem imaginada - era de ida e volta - uma volta, que muitas vezes não se concretizou. Assim, com o passar dos anos, os emigrantes foram constituindo famílias, escrevendo a outros amigos e parentes estimulando-os a vir para terras desconhecidas tentar a vida, e o tempo foi passando... O projeto de migração temporária transformou-se em migração permanente. A história da migração é feita desses relatos de vidas que cruzaram fronteiras, identidades, línguas e culturas.

SALES (1992:51) e RIBEIRO (1992), afirmam que as migrações internacionais estão relacionadas ao novo quadro de relações estabelecidas entre os países no pós-guerra. Neste cenário, países não capitalistas e nações recém libertas do sistema colonial foram incorporadas ao sistema econômico mundial expressando a internacionalização cada vez maior da economia. Este fenômeno é decorrência do próprio desenvolvimento do capitalismo e resultou na expansão desse modelo econômico em escala global. Esta expansão foi denominada por WALLERSTEIN (1976:346) “Sistema Mundial - uma arena, ou divisão do trabalho, dentro do qual mais de um grupo ‘cultural’ existe, mas que pode ou não estar politicamente unificado”.

Esta imigração de mão-de-obra fazia parte de programas governamentais de recrutamento de trabalhadores imigrantes temporários que ocorreram em vários países do primeiro mundo como argelinos para a França, turcos na Alemanha e indianos na Inglaterra. Na França, Alemanha e Suíça foram denominados os “Guest Work Program”; nos EUA, de “Bracero Program”. Estes programas de migração temporária são considerados por vários autores como causadores dos fluxos clandestinos que os sucederam (SALES, 1991:24).

O novo caráter destes movimentos migratórios está intrinsecamente ligado ao fato de que tais fluxos ocorrem num mundo cada vez menor⁹, com a aniquilação do espaço pelo tempo, como consequência do desenvolvimento dos meios de comunicação, transporte e informática. Desta forma, as relações entre aqueles que partiram e aqueles que permaneceram, os investimentos na terra natal, os movimentos de mão-de-obra processam-se de maneira mais intensificada e complexa apontando para o contexto transnacional desses novos fluxos.

Ao analisar os recentes fluxos para os EUA, PORTES (1992:08), demonstrou que existem similaridades e diferenças entre os emigrantes do início do século chamados “velhos imigrantes” e os “novos emigrantes”. As similaridades seriam: a migração para áreas urbanas, sua concentração em algumas cidades portuárias e sua capacidade de aceitar os serviços menos remunerados. No que se refere à composição étnica destes fluxos, os “velhos” migrantes eram na maioria europeus e brancos, já os “novos migrantes” constituem-se em larga escala de não-brancos provenientes de países do Terceiro Mundo, evidenciando as diferenças entre os mesmos.

O autor ainda observa que os americanos em geral possuem uma imagem do emigrante como sendo “pobre e mal educado” quando, na realidade, a composição dos grupos de imigrantes recentes para os EUA é de vários países, de diferentes back-grounds econômicos e sociais e emigraram por várias razões. Portanto, aponta para a diversificação das migrações que procedem de vários países sendo de com-

posições étnicas, de gênero e de gênero muito amplas.

A década de 80 marcou o retorno da caracterização dos EUA como nação de imigrantes. Segundo PORTES (1992:7-8), os estrangeiros nascidos nesse país¹⁰ representavam em 1980, 14,1 milhões da população americana ou seja, 6,2% do total da população. Embora este número seja inferior aos do início do século, é um dado crescente.

Portanto, os novos migrantes são uma expressão contundente da re-articulação entre o global e o local, criando um campo social entre os dois lugares - transnacional. A possibilidade de "estar aqui...e estar lá..." permite ao imigrante contemporâneo atravessar as fronteiras nacionais em busca de trabalho e ao mesmo tempo manter suas relações familiares, afetivas, econômicas e culturais com a terra natal, estabelecendo uma complexa rede de relações entre a sociedade de origem e a sociedade de destino.

Desta forma, o local e o global estão bem mais inter-relacionados que nas primeiras vagas migratórias. Isto não quer dizer que os primeiros fluxos migratórios ocorreram sem que as comunidades de origem se modificassem, mas que a natureza e intensidade das modificações se alteraram profundamente, pois o processo de globalização cultural interfere nas percepções e sentimentos individuais em relação a esta experiência.

AS MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E O ENFOQUE TRANSNACIONAL

Para abordar os novos fluxos migratórios internacionais SCHILLER, BASCH e BLANC-SZATON (1992) sugerem a adoção da transnacionalização como um novo campo analítico para a compreensão da migração. Este conceito foi formulado a partir de pesquisas com vários grupos de migrantes para os EUA: caribenhos, haitianos e filipinos.

Realizando um breve histórico sobre os estudos de migração, as autoras afirmam que a palavra *migrante* sugere imagens de ruptura permanente, de abandono

de velhos padrões e aprendizado difícil de uma nova língua e cultura. Ao olharem para o imigrante sob esta perspectiva, como rapidamente assimilados ou aculturados pela sociedade de destino, semelhantes estudos obscureceram os dados sobre as ligações com o lar, o país de origem. Esta perspectiva é constatada também nos estudos brasileiros sobre imigração¹¹.

Segundo as referidas autoras, os "novos migrantes" movem-se num mundo cada vez mais globalizado, o que possibilita a emergência de múltiplas relações sociais entre o local de emigração e a sociedade hospedeira. Os imigrantes passam a ser chamados de *transmigrantes* quando desenvolvem e mantêm múltiplas relações - familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas que ampliam as fronteiras colocando em interrelação o global e o local (SCHILLER, BASCH e BLANC-SZATON : op. cit).

O enfoque transnacional portanto, enfatiza a emergência de um processo social que cruza fronteiras geográficas, culturais e políticas. No plano teórico, as autoras argumentam que, embora na literatura sobre migração tenham ocorrido algumas descrições e caracterizações no sentido de transnacionalização, tais estudos, por estarem centrados na sociedade hospedeira e na inserção do imigrante na mesma, não se constituíram numa nova abordagem para o estudo do fenômeno.

A caracterização dos emigrantes como rapidamente assimilados pelas sociedades hospedeiras conduziu a uma perspectiva nas ciências sociais que procurava explicar estes fluxos categorizando-os como imigrantes "temporários", "retorno de imigrantes", migrantes "permanentes". Estas categorias demonstraram que os estudiosos clássicos compreendiam que os emigrantes não rompiam definitivamente com a sociedade de origem. Entretanto, os cientistas não passaram do nível descritivo de análise, ao enfatizarem o caráter singular e distintivo de tais fenômenos, sem percebê-los como parte de um fenômeno global (BLANC-SZATON, SCHILLER E BASCH, op.cit p.06).

A crítica da perspectiva transnacional ao enfoque tradicional sobre as migrações, pode auxiliar-nos a compreender as caracte-

terísticas que o fluxo migratório Governador Valadares-EUA tem em comum com outros fluxos de imigrantes estrangeiros nos EUA.

As relações que os emigrantes estabelecem entre os EUA e Governador Valadares envolvendo desde os familiares, às agências de turismo e lojas de construção civil, bem como as várias idas e vindas, sugerem que o enfoque transnacional pode ser pertinente para explicar este fenômeno evidenciando o caráter transnacional do mesmo.

É importante destacar que existem diferenças significativas entre os brasileiros imigrantes e outros fluxos de portugueses, caribenhos, indianos e filipinos nos EUA que impõem limites à utilização deste conceito. Os brasileiros não contam, como outros grupos de imigrantes estrangeiros, de políticas no país de origem direcionadas para captar os investimentos. Além disso, o fato do fluxo ser relativamente recente e organizado de forma mais difusa, faz com que os brasileiros sejam classificados como uma "minoría invisível" (MARGOLIS:1994).

Ao procurar analisar o fluxo Governador Valadares-EUA, a partir do enfoque transnacional, pretendo problematizar as classificações do mesmo como "minoría invisível", como emigrantes temporários ou permanentes, enfatizando os laços que se mantêm com o Brasil e as redes de sociabilidade que recriam identidades brasileiras num contexto de culturas em contato.

Diferentemente da observação de MARGOLIS, que colocou os imigrantes brasileiros visíveis apenas em pequenos espaços na rua 46, em New York, em Boston pude perceber a presença brasileira espalhada por várias localidades. Na área de Allston, onde realizei parte do trabalho de campo, os estabelecimentos comerciais se concentravam em alguns quarteirões, em lojas de produtos brasileiros, agências de remessa de dinheiro, pequenas lanchonetes. A maioria dos estabelecimentos exibia uma bandeira brasileira na porta e dentro destes podia-se encontrar, desde coxinha e pão de queijo, a jornais e revistas brasileiros. Da mesma forma, encontrei em outras localidades, Cambridge, Soumerville, Framingham,

estas mesmas lojinhas. O aspecto destas lojas contrasta com a modernidade das lojas americanas, pois se assemelham em estrutura aos armazéns brasileiros conhecidos como "secos e molhados", onde se encontra de tudo um pouco. Ao entrar nelas atravessamos uma fronteira ao encontro de nossa brasilidade.

Além do comércio, pude também observar que já se organizam festas religiosas, tanto católicas quanto protestantes. Presenciei, em Cambridge, uma festa de nossa Senhora Aparecida, na qual a imagem da santa padroeira do Brasil, foi carregada por uma criança vestida com a camisa da seleção brasileira. As igrejas protestantes, por sua vez, enviam pastores a Governador Valadares para dar conforto espiritual ao parentes que vivem a espera.

Por fim, as noites brasileiras nas boates em Newark, onde se pode encontrar alguns petiscos bem brasileiros, como o churrasquinho, ouvir música brasileira, ou ainda assistir ao show de algum músico brasileiro - ou em Boston, onde também ocorrem noites brasileiras em alguns bares e boates -, são evidências de uma comunidade que de forma espalhada e dispersa começa a se organizar.

Pode-se sugerir que o estabelecimento de redes de sociabilidade através das Igrejas, de pequenos comércios, de agências de remessa de dinheiro, de bares, assim como as fitas de vídeo que chegam toda semana com notícias, e os telefonemas e cartas enviadas ao Brasil, tudo isso revela a constituição de uma comunidade brasileira nos EUA. Essas redes de sociabilidade apontam para a recriação de um "lugar brasileiro nos EUA" possibilitando aos

emigrantes permanecerem nos EUA e manterem suas ligações com o Brasil.

Segundo SALES (1995), essas redes de sociabilidade indicariam que o fluxo estaria deixando de ser temporário e se tornando permanente. Para a autora, o emigrante brasileiro que, em meados da década de 80 só pensava em juntar dólares para retornar, hoje já está mais realista quanto à sua condição de estrangeiro, o que pode ser evidenciado pela solidificação dessas redes de apoio.

Se por um lado, o estabelecimento destas redes pode indicar que o fluxo está se estendendo no tempo, perdendo seu caráter temporário, por outro, o fato que gostaria de salientar é que, segundo os depoimentos dos emigrantes, alguns há mais de 30 anos nos EUA, a perspectiva do retorno se mantém presente. É por isso que investem em sua terra natal e mantêm o contato com os familiares.

Os dados de SOARES contribuem para esta afirmação na medida em que indicam que "somados pendulares, aos temporários e retornados, pode-se dizer que 49,0% deles não se integraram definitivamente ao contexto das relações sociais de adoção (1995:24)" como demonstra a tabela abaixo.

Estes dados indicam que pensar os valadarenses como transmigrantes pode ajudar-nos a compreender estas relações estabelecidas entre os emigrantes e aqueles que ficaram no Brasil.

Os dados também demonstram que há um sentimento de ambigüidade que caracteriza esta identidade construída entre fronteiras culturais, políticas, econômicas e sociais.

Nos EUA, um imigrante valadarenses há sete anos na "América", expressou esta ambigüidade ao falar-me sobre o desejo de voltar e de sua infelicidade na América:

"Estou muito deprimido não tenho vontade de ficar em dois trabalhos desde que meus pais retornaram ao Brasil. Sempre que vem alguém aqui a gente tem vontade de voltar. Aqui na América é lugar para juntar dinheiro, não para viver! Não sou feliz aqui. No final deste ano se tudo der certo vou comprar minha casinha e retornar, mas tenho medo da readaptação. (...) A gente acostuma com o estilo de vida aqui nos EUA, tenho dois carros, um bom salário, como vou conseguir isto no Brasil? Tenho TV, filmadora, compact disc, microwave, brinquedos para o meu filho; não teria tudo isso no Brasil, mas lá é minha terra, tenho saudade, eu tenho que tentar voltar se não sempre ficarei pensando como teria sido" (José Mário, 26 anos).

Viver esta fragmentação representa para o emigrante ter este sentimento ambíguo, em relação à terra natal e a de imigração, que faz com que esta nunca se efetive por completo. O emigrante mantém-se ligado com o local de origem: constrói uma casa, investe dinheiro, gasta fortunas com ligações internacionais, traz presentes, leva parentes e amigos, cria redes de imigração, tem saudades da terra. E a despeito de todas as dificuldades que possa enfrentar como emigrante ilegal: as dificuldades com a língua, a moradia, o trabalho, a vida disciplinada, a discriminação e às vezes o racismo, também constrói relações na sociedade de imigração ...

O emigrante, aquele que partiu e já não pertence apenas ao local de origem, reconstruiu uma identidade multifacetada que se reafirma nos EUA, no sentimento de brasilidade de saudade da terra, ao mesmo tempo já começa a "estranhar e temer a volta" para a terra que, um dia, já foi a sua única referência. Neste momento, em que a vida já se estrutura entre os dois lugares, a saudade da terra e o desejo de retornar misturam-se à experiência de estar lá - nos EUA.

Este contexto de culturas em contato, a vida cotidiana nos EUA, as várias idas e vindas ao Brasil, fazem com que o projeto

CONDIÇÃO	ABSOLUTA	PERCENTUAL %
Pendulares	1714	6,3
Temporários	7537	27,7
Definitivos	8163	30,0
Retornados	4082	15,0
Outra	544	2,0
Condição Ignorada	3265	12,0
Não forneceu informação	1905	7,0
TOTAL	27210	100,0

Fonte: SOARES, W. (1994) Pesquisa sobre a emigração de valadarenses para países estrangeiros e impactos no mercado imobiliário.

de migração temporária se estenda e à medida que os anos passam vai se configurando uma identidade transnacional. Pode-se ainda argumentar que, esta ambigüidade - estar aqui e estar lá - é característica dos emigrantes de primeira geração. Com o passar dos anos os emigrantes já não sentiriam tanta falta da terra natal e já se sentiriam completamente integrados à sociedade hospedeira. Entretanto, o que o enfoque transnacional propõe é justamente que, dadas todas as possibilidades de comunicação e transporte contemporâneos, torna-se efetivamente mais fácil manter-se em contato. Esta seria a identidade multifacetada do emigrante dos novos tempos.

OS PROJETOS PARA RETORNAR AO BRASIL

Nos EUA, onde realizei parte do trabalho de campo desta pesquisa, o retorno era uma perspectiva que estava sempre presente na conversa dos emigrantes. Quando questionados sobre sua situação se classificavam como imigrantes temporários e falavam dos planos de retorno ao Brasil. A volta é, quase sempre, programada para o final do ano, pois é o período das festas natalinas quando as famílias se reúnem. Para os imigrantes esta é "a época mais difícil de se agüentar" nos EUA.

Entre o desejo de "ir embora" e o que efetivamente acontece, há um vácuo. Alguns tiram apenas férias no Brasil, outros não conseguem, pois não têm coragem de voltar sem conseguir alguma coisa e, enquanto isso, o tempo vai passando...

Os trechos que se seguem, extraídos de cartas dos emigrantes, indicam estes projetos e as dificuldades de execução dos mesmos:

"Queremos passar o próximo Natal juntinho de vocês, vamos fazer aquela festa. Diga ao Sr. ...Que em breve estaremos aí para contar tudo sobre os Estados Unidos". (Amiga de Maria Lúcia¹², carta destinada a seus pais com objetivo de tranquilizá-los, 16.11.92)

"Aqui estamos todos bem de saúde graças a Deus. Trabalhando muito para podermos um dia voltar para o Brasil. (...) quanto a ir aí passear acho difícil, pois

quando formos embora não pretendemos mais voltar aqui. Para mim ir aí e deixar o Estevão sozinho eu não posso porque ele trabalha muito e precisa de mim aqui para cuidar dele." (Maria Cândida, carta destinada à mãe, 23.01.92).

"Eu tenho a impressão de que este ano vai ser decisivo para minha volta ao Brasil, mas como sempre vou precisar muito da ajuda de vocês aí. Primeiro para comprar a casa que vai ser o passo mais importante para a nossa volta; Segundo arranjar emprego para mim e para minha esposa: terceiro na nossa adaptação na volta ao Brasil. Sabe pai quando a gente deixa o Brasil a gente pensa que está fazendo a coisa mais difícil da vida, mas pode ter certeza que a volta é muito mais difícil que a vinda e é por isso que nós vamos precisar tanto do apoio de vocês e eu sei que sempre posso contar com vocês ...Com relação a casa espero mandar o dinheiro pela nossa amiga em dezembro e espero que o senhor consiga comprar a nossa casinha por no máximo uns vinte mil dólares" (José Mário, carta destinada ao pai - 94).

As cartas e entrevistas realizadas com os emigrantes revelaram um outro aspecto interessante: que as festividades de Natal são as que mais despertam saudades do Brasil. Quando se aproxima o final do ano, os emigrantes sentem-se deprimidos, desanimados, pois mais um ano se passou e o retorno mais uma vez não foi além do desejo. Uma emigrante valadarense disse-me; "todo final de ano é assim, esse pessoal fica dizendo que vai no final do ano e ano que vem tá aqui de novo".

Entretanto, o retorno à terra natal está condicionado à realização dos projetos de comprar um carro, uma casa e montar um negócio, bens que significam o sucesso do projeto de migrar. Além desses bens, os emigrantes precisam demonstrar este sucesso, trazendo para os familiares presentes que podem ser "quarquer coisinha" desde um óculos de sol Ray-ban, a uma máquina de fax, secretária-eletrônica, ou aparelhos de compact-disc. estes presentinhos afirmam que os emigrantes "estão dando certo na América". Por isso, mesmo que estejam voltando apenas temporariamente, esta torna-se uma despesa necessária para demonstrar no Brasil sua

mobilidade social ascendente. Segundo FELDMAN-BIANCO (1992:42), faz parte da cultura migratória despender tempo e dinheiro com presentes, para por meio deles afirmarem simbolicamente sua mobilidade social nos EUA e sua proeminência na terra natal.

A compra da casa própria aparece como a concretização dos sonhos dos emigrantes de retorno ao Brasil. É interessante observar que a aquisição da casa se faz nos bairros de origem dos emigrantes (ver SOARES, op.cit) o que evidencia que a casa, além de um bem material, afirma no plano simbólico a ascensão social do emigrante na cidade de origem. É em sua terra natal que o emigrante demonstra o sucesso de seu projeto, por isso em Governador Valadares, ao longo dos anos 80, o setor imobiliário e a construção civil atraíram grande parte dos investimentos dos emigrantes e deram uma nova face à cidade.

Uma experiência vivenciada no começo do trabalho de campo demonstra a importância desses investimentos. Ao retornar a Governador Valadares encontrei abandonada uma casa que se localizava ao lado da minha. Durante toda a minha infância acompanhei as várias idas e vindas dos moradores dessa casa, cujos filhos na década de 70 já trabalhavam como imigrantes nos EUA. Era uma casa alegre e exótica, pois quando os filhos de D. Maria chegavam sempre traziam novidades da "América": aparelhos de som, bonés, suas crianças falando inglês, roupas e pinturas extravagantes, tudo americano.... Passados alguns anos os filhos retornaram, mas não conseguiram mais viver bem aqui, e voltaram para a "América". Mais tarde, a casa foi alugada por um casal cujo marido, depois de um tempo desempregado, descobriu a "solução" para sua vida - ir para a "América" deixando a mulher e o filho. Atualmente a casa, após uma reforma, pertence a um imigrante valadarense nos EUA. Este fato evidencia como a emigração tornou-se parte da vida cotidiana da cidade atravessando décadas, vidas e espaços. Ao "olhar" para esta casa, agora com o distanciamento de pesquisadora, percebi outros significados desse bem material - nela estavam estampados também - o sucesso ou fracasso do projeto, a dor da partida, a expectativa do retorno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Osemigrantes, ao partirem para os EUA, o fazem movidos pelos mesmos sonhos de uma vida melhor que impulsionaram os emigrantes que vieram da Europa para “fazer a América” no início do século. Entre a longa viagem de navio e as facilidades de comunicação do mundo contemporâneo, os emigrantes novos ou velhos compartilham de um mesmo desejo - voltar à terra natal.

A intenção que norteou este texto foi problematizar este projeto de retorno demonstrando como que as categorias “temporário”, “permanente” ou “retorno de imigrantes” devem ser utilizadas com cautela quando se trata das complexas relações que o emigrante contemporâneo estabelece tanto na sociedade hospedeira, quanto na sociedade de origem.

Ao iniciar este artigo percebi que falar do retorno, era analisar o próprio significado do projeto de migrar e seus desdobramentos.

Estar aqui...e estar lá...expressa esta construção de uma vida entre dois lugares demonstrando como, ao longo do processo migratório, os emigrantes valadarenses recriaram suas relações afetivas, familiares, econômicas, num contexto de culturas em contato, mantendo ligações com a terra natal. Estas relações foram apenas indicadas pelos dados da dissertação. Este artigo se propôs a discutir, a partir da questão do projeto de retorno dos emigrantes, alguns desses dados, que se constituem em pistas para buscarmos compreender esses “passaros de passagem” que nos encantam e nos instigam pela sua capacidade de cruzar tempo, espaço e lugar construindo uma identidade transnacional.

Neste sentido, observar a vida cotidiana dos imigrantes está me instigando a pensar este contexto transnacional como um projeto econômico, afetivo e familiar que envolve aqueles que partiram e aqueles que ficaram nesta experiência migratória. Podemos pensar numa transnacionalização no plano da afetividade quando percebemos que os emigrantes estruturam suas vidas entre duas sociedades.

* Gláucia de Oliveira Assis é Mestre em Antropologia Social - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - UFSC.

à vida daqui.

Quando estava na casa de José Mário e Joana, juntos assistimos a uma fita da última vez que José Mário estivera no Brasil e a esposa se perguntava:

“...estas pessoas sempre rindo com essa música (baiana), será que vou me acostumar com todo mundo assim participando da vida da gente?” (Joana- 33 anos - set/1993).

“Será que vão se acostumar?” É a grande pergunta que todos eles se fazem. O desejo de voltar ao país, se iguala ao medo que todos têm de fazê-lo: “e se não der certo como começar tudo de novo?” - disse-me Joana. Esta pergunta, que não foi feita no momento da partida, é colocada a todo instante por emigrantes que tentam voltar. Uma das emigrantes disse-me ainda:

“Quando estamos aqui, pensamos que o melhor lugar do mundo é o Brasil, lá temos os amigos, os parentes, a família, mas quando a gente chega lá está tudo diferente, sinto-me um peixe fora d’água”.

Entre estar aqui e estar lá, o emigrante vai construindo uma identidade transmigrante. Encontrei, nos EUA, também pessoas que não desejavam retornar. Apesar da saudade, dizem que a “América é um bom lugar para se viver”.

Entretanto, mesmo que a volta não se concretize, este é o desejo predominante entre os emigrantes entrevistados e nas cartas analisadas. Neste sentido, as cartas, os telefonemas, as viagens dos pais aos EUA para “dar uma força”, os vários retornos ao Brasil, a tentativa dos emigrantes de legalizar-se conseguindo o “green-card” (para poder ir e voltar quantas vezes desejarem) revelam que os emigrantes mantêm múltiplas relações com o Brasil.

Estas ligações com o Brasil revelam que, na realidade, os emigrantes permanecem nos EUA com suas relações familiares e afetivas no Brasil e seus sonhos de retorno à terra natal se traduzem em investimentos na cidade de origem. Portanto, ao estruturar sua vida entre dois lugares os emigrantes não se tornam nem emigrantes permanentes, nem temporários, mas sim, transmigrantes.

Retornar portanto, é um projeto que, para se concretizar, exige do emigrante uma vida disciplinada e muito trabalho nos EUA, para que possa - um dia - retornar ao Brasil. Após alguns anos nos EUA, assim como para outros grupos de imigrantes nos EUA, a terra natal se torna a terra da utopia. Para voltar os emigrantes contam com o apoio dos pais e amigos pois, como foi salientado nos relatos, “voltar é mais difícil que partir”. O grande temor dos emigrantes é voltar a viver num país “sempre em crise econômica”¹³. Além disso temem também a readaptação ao Brasil, aos amigos, aos familiares. Embora a saudade seja o sentimento que mais os incomoda nos EUA, o convívio com a sociedade americana “onde a lei vale para todos”, as “pessoas ligam antes de vir a sua casa”, a privacidade, o acesso à sociedade de consumo “onde posso comer morangos com o salário de entregador de pizzas”, “onde os homens aprendem a cuidar da casa e dividir as tarefas com as mulheres” fazem com que o emigrante tenha sentimentos ambíguos em relação à volta para uma sociedade relacional como a brasileira.

Dois fatos ocorridos nos EUA exemplificam esse temor:

Num jantar na casa de José Arthur e Maria Carolina, estando também presente seu primo Felipe, conversou-se sobre a vida nos EUA e os planos de retorno ao Brasil. Quando começamos a falar sobre o retorno foi um momento particularmente emocionante. José Arthur e Maria Carolina, casados quando José Arthur já se encontrava nos EUA, pretendem retornar ao Brasil com uma fonte de renda garantida e para realizar o sonho de se casarem no religioso. Para isso, estão construindo uma pousada no Brasil. Embora a volta seja um projeto que é compartilhado em cartas e telefonemas com os pais, que ficaram no Brasil administrando os investimentos, José Arthur e Maria Carolina falaram do temor de regressar e perder tudo que haviam investido, devido à instabilidade econômica do país.

Felipe também falou da volta... estava construindo um prédio junto com o irmão e pretendia voltar até final de 94, tendo adiado o projeto para meados de 95. Revelou também o temor do regresso e da não adaptação

NOTAS

1- Este artigo é uma versão do capítulo 4 - O Brasil nas migrações Internacionais da dissertação de mestrado "Estar Aqui, Estar Lá...uma cartografia da vida entre dois lugares." Florianópolis. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1995. Agradeço à Fundação Ford que através da ANPOCS forneceu-me recursos que possibilitaram o trabalho de campo nos EUA e ao CNPq.

2- Título de um painel da "World Mídia" publicado pela Folha de São Paulo em 1991

3- Ver os comentários de SALES (1991) e FORJAZ, (1993), sobre "como" se deparam com a problemática da emigração brasileira para os EUA. A surpresa de encontrar brasileiros trabalhando nos fast-foods e nos serviços de limpeza instigou estes acadêmicos a ouvir os relatos dos projetos de fazer a América, das dificuldades e do desejo de voltar ao Brasil.

4- Ao iniciar a pesquisa em 92, haviam poucos trabalhos acadêmicos publicados especificamente sobre o tema ver SALES (1991) e MARGOLIS (1989; 1990; 1992)

5- A cidade é conhecida como "Valadólarens" devido ao significativo fluxo de valadarenses para os EUA e seus investimentos na terra natal. Ver: BICALHO (1989), GOZA (1992) MARGOLIS (1994) SALES (1991,1992,1994,1995) SOARES (1995), e ASSIS (1995).

6- SCHILLER, BASCH & BLANC-SZATON, 1992, p.04.

7- Na Europa as políticas restritivas expressam uma nova retórica de exclusão anti-imigrante - o fundamentalismo cultural conforme STOLCKE, 1993:27. Os EUA, país com políticas migratórias mais flexíveis, também tem procurado adotar medidas mais restritivas que vão, desde um maior rigor na fronteira com o México, à elaboração de projeto de lei, recentemente aprovado no Estado da Califórnia que proíbe o acesso à escola pública dos filhos de imigrantes ilegais; bem como atendimento hospitalar a imigrantes ilegais; o projeto de lei é polêmico e gerou protestos dos imigrantes nos EUA.

8- Ver BAILY E RAMELLA (1988), THOMAS e ZANNANIECKI (1984). Os autores analisam os relatos de emigrantes italianos e poloneses, através de suas correspondências com os familiares e demonstram como, diante do cotidiano da vida na "América", a volta vai se tornando cada vez mais difícil e a terra natal, aos poucos, torna-se uma utopia. Ver também BIANCO (1993) os relatos de imigrantes portuguesas nos EUA sobre a saudade da terra natal, que com o passar dos anos, vai se tornando a terra da utopia, à medida que o retorno definitivo vai se tornando distante e difícil.

9- Para a discussão do encolhimento do mundo ver WOLF (1982), RIBEIRO (1994:14), e HARVEY (1993:25).

10- Diferentemente dos filhos de emigrantes nascidos na Europa, quando nascem nos EUA os filhos de imigrantes são considerados cidadãos americanos.

11- FAUSTO (1991), numa análise da historiografia

sobre a imigração estrangeira para São Paulo, destaca que os estudos sobre a interação do imigrante com a sociedade nacional estão marcados pelos enfoques onde a assimilação e a aculturação são as premissas básicas para compreender os imigrantes. O autor analisa tendências recentes como o estudo de Giralda Seyferth que introduziu o conceito de etnicidade para analisar as relações entre os imigrantes e a sociedade local. O autor neste ponto dialoga com as modificações nos enfoques teóricos sobre migrações internacionais nos EUA onde saiu-se da noção de "Melting pot" para a de pluralismo cultural colocando-o como perspectiva adequada para os estudos migratórios por não partirem a priori da noção de assimilação ou aculturação.

12- Para garantir a não identificação dos entrevistados todos os nomes que aparecem citados são fictícios.

13- As mudanças econômicas decorrentes do Plano Real têm provocado uma reavaliação destes temores devido a retomada do crescimento, a desvalorização do dólar e a estabilidade dos preços. Alguns emigrantes já pensam em antecipar o projeto de retorno. Estas observações, de natureza qualitativa, foram realizadas por imigrantes com os quais mantenho contato nos EUA.

#####

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Gláucia O. *Estar aqui, estar lá...uma cartografia da vida entre dois lugares*. Florianópolis. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. UFSC, 1995, 234p.

- BICALHO, José V. *Yes, eu sou Brazuca*. Governador Valadares, Ibituruna/FUNSEC. 1989, 106p.

- FAUSTO, Boris. *Uma historiografia da imigração estrangeira para São Paulo*. São Paulo. Ed. Sumaré, FAPESP. 1991.

- FELDMAN-BIANCO, Bela. Multiple layers of time and space: the construction of class, ethnicity, and nationalism among Portuguese immigrants. In: SCHILLER, N. G. BASCH, L. and BLANC-SZANTON, C. *Towards transnational perspective on migration*. *Annals of the New York academy of Sciences*. New York, 645, 1992, p 145-73.

- & HUSE, Donna. A saudade cultural e experiências de imigrantes portugueses na interseção cultural. *Identidade, Imigração e Memória*. Publicação do Mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná, Maio, 1993, p.45-61.

- GLICK-SCHILLER, Nina & FOURON, Georges. "Everywhere we go. We are in danger": Ti Mamo and the emergence of Haitian transnational identity. *American ethnologist*. V.17, n. 2, may 1990 p. 329-47.

- GOZA, Franklim. A imigração brasileira para a América do Norte. *Revista Brasileira de estudos de população*. v.9 n.1 jan/jul 1992.

- HARVEY, DAVID. *A Condição Pós-Moderna*. Loyola, São Paulo, 1993. 185-290.

- MARGOLIS, Maxime L. An New Ingredient in the melting Pot: Brazilians in New York City" *City and Society* 3 (2): 179-187. 1989.

- ----- An American in Governor" *The Brazilians*. N 18 (september);4. 1990

- ----- "From Mistress to Servant: Downward mobility among Brazilians in New York City" *Urban anthropology* 19 (3): 215-231. 1992

- ----- *Little Brazil: an ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*. New Jersey, Princeton University Press, 1994, 329p.

- MARTINS, José S. "O vôo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil". In: *Não há terra para plantar neste verão: o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo..* 2 ed, Petropolis, Vozes, 1988. p 43-62

- PORTES, Alejandro. & RUMBAUT, R. *Immigrant America: a portrait*. Berkley: University of California Press. 1990.

- RIBEIRO, Gustavo L. Bichos-de-obra. Fragmentação e reconstrução de identidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. n. 18, ano 7, fev/1992, p.30-40. ----- Explorando fragmentos das fronteiras da cultura. FONSECA, Cláudia (Org) *Fronteiras da Cultura: horizontes e territórios da antropologia na América Latina*. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 1993. p. 09-21.

- SALES, Tereza. Novos Fluxos da população brasileira. *Revista Brasileira de estudos de população*. São Paulo. v. 8, n 1/2. Jan/dez, 1991.

- ----- Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas questões para pesquisa. *Revista Brasileira de Estudos de População*. São Paulo. v. 9 n.1 jan/jul 1992, p 50-64.

- ----- O Brasil no contexto das migrações internacionais. *Travessia: revista do migrante*. CEM. ano VIII, n.21, janeiro-abril/95. p 5-8.

- SAYAD, Abdelmalek. Uma pobreza "exótica": a imigração argelina na França. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro. N 17. Ano 6. out/1991 p 84-107.

- SOARES, Weber. *Emigrantes e investidores: redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadarenses*. Projeto de dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação do Instituto de Pesquisa e Planejamento urbano e Regional da UFRJ. Mimeo. Janeiro de 1993.

- ----- Ser valadarens: a conquista de nova posição no espaço social e a "(re) territorialização" na origem. *Travessia - Revista do Migrante*. Publicação do CEM - ano VIII, n.21, janeiro-abril/95. p23-27.

- STOLCKE, Verena. Cultura européia: uma nova retórica da exclusão? *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, ANPOCS, n. 22. ano 8. jun-1993. p 20-31,

- WALLERSTEIN, Immanuel. A World-System Perspectives on the Social Sciences. *British Journal of Sociology*. vol. 27. N3. 343-352. 1976.

- ----- Culture as the ideological Battleground of the modern World-System. In: FEATHERSTONE, Mike (Org) *Global Culture*. London. Sage. p 31-56. 1990.